

RITA FERRO

História de um Pescador Infiel



Copyright © 2009, Alvanir B. de Carvalho

Todos os direitos são reservados, no Brasil por:

Autor

Alvanir B. de Carvalho
alvanirbezerra@oi.com.br

PoD Editora

Rua Barata Ribeiro, 322
Copacabana – Rio de Janeiro
Tel. 2236-0844
atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

Primeira Edição: Agosto de 1978

Última Revisão: Janeiro de 2009

ISBN 978-85-62331-01-5

Coordenação Editorial: PoD Editora

Capa: PoD Editora

Impressão e Acabamento: PoD Editora

Alvanir B. de Carvalho

R I T A F E R R O

História de um Pescador Infiel

Teatro de Comédia Juvenil



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CENÁRIO	9
PERSONAGENS	13
VESTUÁRIO	15
CENA I - SAINDO PARA PESCAR.....	17
CENA II - NOTÍCIA RUIM	21
CENA III - COMIDO PELAS PIRANHAS.....	28
CENA IV - ESTOU RICA!.....	35
CENA V - MEUS PÊSAMES	39
CENA VI - CASE COMIGO!.....	44
CENA VII - O HOMEM DO SEGURO.....	48
CENA VIII - ALMA DO OUTRO MUNDO.....	52
CENA FINAL	56
ORIGEM DA PEÇA	57

APRESENTAÇÃO

Esta é mais uma historieta, dentre tantas outras, envolvendo pescadores e pescarias realizadas por maridos infiéis, que se aproveitam da suposta dedicação à pesca artesanal para tomá-la como justificativa para sair de casa, indo se meter em patuscadas diversas.

A história aqui narrada se passa num vilarejo qualquer, do interior nordestino, de pobreza evidente, e seus valores sociais arraigados, em que o machismo predomina a ponto de ser aceito, com relativa docilidade, pelas mulheres do lugar, incluindo-se aí até mesmo os pecadilhos extra-maritais de homens casados, mulherengos.

Trata-se de uma comédia de costumes, através da qual pode-se observar, de um lado, o calor humano e a explosividade dos sentimentos da alma nordestina e, do outro, o deslumbramento natural, a ambição e conseqüente repulsa à pobreza ao ponto de, ao divisar-se a possibilidade de uma vida financeiramente melhor, esquecer-se a dor da perda repentina de um ente querido.

CENÁRIO

A peça RITA FERRO foi montada tendo por finalidade atender uma exigência da Professora de Atividades Extra-Classe, do Colégio Dom Bosco, de Brasília. Outros grupos de estudantes, do mesmo Colégio, também se apresentariam, encenando peças distintas, no mesmo palco, naquele mesmo dia. Por conseguinte, RITA FERRO não seria a única peça a ser exibida.

É que, além de constituir “atividade valendo nota”, também estava em jogo um concurso entre as diversas turmas participantes, pelo que a classificação obtida por cada peça contribuiria para melhorar a nota dos diversos conjuntos de atores-alunos.

Isto implicava num outro problema: o cenário teria que ser do tipo bem simples e fácil de instalar/remover, num tempo máximo de dez a quinze minutos entre o final da apresentação da peça anterior e a próxima a ser exibida, de acordo com um sorteio aleatório a ser realizado pouco antes do início das apresentações.

Dificultando mais ainda, a situação, também havia a proibição de alterar, de forma permanente, o palco do colégio onde as peças seriam apresentadas.

Daí que, além de contar uma história que parecesse verossímil e alegre, o autor também se deparou com a necessidade de imaginar um cenário de fácil construção e montagem e que, além disso, pudesse ser construído com material que custasse barato.

A solução encontrada para construir um cenário de baixo custo, e que teria que ser montado/desmontado, rapidamente, após a exibição da peça, foi aquela de imaginar que toda a ação transcorreria num único local, representado pela sala única da casa modesta onde residia a personagem principal, de nome RITA FERRO e seu marido, Seu Tonho, conforme aparece na figura a seguir.



Descrição do Cenário:

O palco é ocupado por uma sala de três paredes, facilmente construídas com armações de madeira, forradas com um pano branco, ou então com papelão grosso, ou outro material, qualquer, devidamente pintado e recortado, de modo a formar duas portas e uma janela, proporcionando ao público uma ampla visão do seu interior, onde tudo transcorre.

A referida sala deverá ter a seguinte disposição, quando vista pelo público:

- Do lado esquerdo (visto pelo público), uma parede dotada de uma porta que abre para a rua, e uma janela, ambas voltadas para a suposta rua do vilarejo local.

Nota: por uma questão de simplificação de cenário, tanto a estrutura (caixilhos) porta da rua, quanto da janela, poderão ser omitidas do projeto, permanecendo continuamente abertas.

- Ao fundo, delimitando o espaço físico do palco, e bem assim dando suporte físico às duas paredes laterais, existe uma parede inteiriça, decorada com alguns quadros de figuras diversas, que tanto poderão ser pintados diretamente na parede (situação do cenário construído com panos), quanto poderão ser quadros populares, feitos com moldura barata, colados na parede, caso esta seja construída com papelão;

- À direita do palco, temos a terceira parede, que é dotada de uma porta única, na parte mais ao fundo do palco, próximo da junção daquela parede com a parede do fundo da sala. A referida porta dá acesso às dependências interiores da casa, não visíveis ao público.

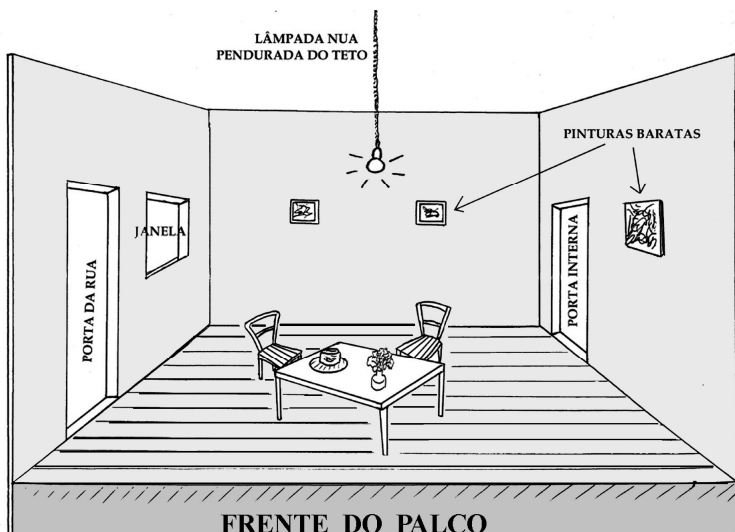
- Próximo da porta que dá para o interior da casa, fixado na parede, na altura do ombro de uma pessoa mediana, encontra-se um comutador de luz, de tipo popular, que serve para ligar/desligar a lâmpada da sala.

- No centro da sala, completando o ambiente, encontra-se uma tosca mesa de madeira e duas cadeiras.

- No “teto da casa”, pendurada de um fio, encontra-se uma lâmpada elétrica, nua (isto é, uma lâmpada elétrica, desprovida de abajures ou qualquer outro adorno). A referida lâmpada serve para auxiliar a identificar os diferentes horários de ocorrência dos fatos a serem narrados, isto é, o início da história, que ocorre à noite, quando a lâmpada elétrica está acesa, e o ambiente é meio-escuro, e os acontecimentos do dia seguinte, quando a referida lâmpada estará apagada e o ambiente estará plenamente iluminado, dando a entender tratar-se de uma atividade à luz do dia.

Ou seja, a lâmpada elétrica estando acesa, significa noite, e a lâmpada elétrica estando apagada, significa dia.

Observação: a lâmpada elétrica deverá ser de grande wattagem (cerca de 150 watts), de modo a possibilitar ao público perceber, facilmente, quando a mesma se encontra acesa ou apagada.



PERSONAGENS

A peça RITA FERRO foi idealizada para ser apresentada por um grupo mínimo de sete ou no máximo por nove atores mirins, as “falas” dos personagens secundários podendo ser redistribuídas conforme o número de atores participantes.

Observação: convém não esquecer que esta peça foi idealizada para ser representada por atores mirins, na faixa etária situada entre oito e no máximo quinze anos de idade.

A seguir, uma breve identificação dos personagens principais:

RITA FERRO – mulher jovem, do interior nordestino. Rita é casada com Seu Tonho, o marido pescador. Ela é pessoa alegre, extrovertida, agitada e dinâmica, todavia submissa e complacente com as vontades do marido.

SEU TONHO – marido de Rita Ferro e, na história, o “pescador infiel”. Seu Tonho é um tipo nordestino comum, que gosta de pescar, mas que, vez ou outra, abusa da credibilidade da esposa para ficar fora, a noite toda – quando aproveita para cair na gandaia, com alguns amigos – sob a alegação de que o horário noturno é que é o melhor horário para uma pescaria.

CEARÁ – amigo de Seu Tonho e noivo de longa data de CHIQUINHA. Tal qual o primeiro, CEARÁ também é um nordestino comum. CEARÁ vem namorando Chiquinha há muito tempo, porém sempre adiando o casamento prometido.

Nota: no bom estilo nordestino, a palavra CEARÁ deverá ser pronunciada “Ciará”, substituindo a letra “e” pela letra “i”.

CHIQUNHA – noiva do CEARÁ, é uma das grandes amigas de Rita Ferro.

SEVERINA – outra das amigas de Rita Ferro.

JUREMA – mulher invejosa. É a personagem “fofoqueira” e maledicente, do lugar, que tudo vê e que tudo comenta, sempre com o objetivo de fazer fuchicos e de gerar a discórdia.

DONA ZÉFA – mulher “de mais idade que as outras”, é uma das comadres de Rita Ferro. O prefixo “Dona” ao nome de Zéfa significa que ela é uma senhora de certa idade.

DONA CLAUDETE – uma velhota ranzinza. Também uma senhora de mais idade do que Rita.

HOMEM DO SEGURO – um tipo melhor vestido do que os demais personagens masculinos. É um profissional que vende apólices de seguro. Representa, nessa história, um personagem “da cidade grande”, daí a maior sofisticação de suas roupas, de sua postura e do seu modo de falar, e também por conduzir uma pasta de trabalho, do tipo “Zero-Zero-Sete”, ou coisa que o valha.

VESTUÁRIO

À exceção do Homem do Seguro, os demais personagens deverão vestir roupas comuns, do tipo que se presume sejam utilizadas por pessoas residentes em pequenas vilas e povoados do interior do Nordeste Brasileiro. Todavia, é de todo importante não confundir com as vestimentas caricaturais com que as crianças das escolas primárias costumam se vestir para representar os “matutos do interior”, por ocasião das festas Juninas.

Ou seja, os homens vestem calça e camisa do tipo comum, não luxuosas, de mangas curtas, com ou sem listras, podendo ou não usar sandálias de couro (Nota: nada de sandálias do tipo “havaianas” e nem bermudas) e as mulheres deverão vestir saias, curtas ou longas, porém nunca “calça comprida” ou bermudas, no estilo das mulheres das cidades grandes.

O único personagem que deverá estar vestido com mais apuro será o “Homem do Seguro”, visto ser ele um “vendedor ambulante de seguros”, personagem vindo de uma “cidade grande”, que se encontrava de passagem por aquele vilarejo, vendendo seguros aos eventuais interessados. Por ser um “homem da cidade” e, dada a necessidade de bem impressionar sua clientela em potencial, o Homem do Seguro se veste com terno completo – isto é, usando paletó e gravata –, além de transportar uma valise porta-documentos do tipo “Zero-Zero-Sete”, ou coisa que o valha.

CENA I

SAINDO PARA PESCAR

Abrem-se as cortinas do palco. O ambiente do cenário encontra-se à meia-luz, transmitindo a idéia de que é noite, na casa de SEU TONHO, marido de RITA FERRO.

A lâmpada elétrica, pendurada de um fio, no teto da sala, está acesa, brilhando intensamente.

A sala está vazia.

No centro da sala, é avistada uma mesa quadrada, feita em madeira e duas cadeiras. Nada sofisticado. Sobre a mesa encontra-se um chapéu de homem (seja ele chapéu de massa ou de palha), e um prato de madeira escavada (ou de barro cozido), contendo algumas frutas locais.

Nota: o personagem SEU TONHO deverá testar o chapéu, antes de entrar em cena, de modo a verificar se o mesmo se ajusta à sua cabeça.

Com passos largos, caminhando relativamente apressado, o personagem SEU TONHO, o dono da casa, entra na sala vindo pela porta que dá acesso ao interior da casa (lado direito do palco). Ele está vestindo uma calça comprida e camisa de mangas curtas, trazendo na mão uma vara de pescar, do tipo comum (uma vara de bambu, sem carretilhas ou qualquer sofisticação modernosa).

SEU TONHO caminha até o lado oposto da sala, onde para. Feito isso, apanha o chapéu (de massa ou de palha) que se encontrava sobre a mesa existente no centro da sala.

Nota: a vara de pesca deverá ser do tipo comum, feita com um caniço de bambu, sem carretilha, molinete ou qualquer outro acessório mais sofisticado, moderno.

SEU TONHO coloca o chapéu de palha na cabeça, que ele ajeita de modo faceiro. Em seguida, demonstrando impaciência, nervoso e apressado, caminha até a extremidade do palco, de onde se volta para o interior da casa e grita para a esposa

SEU TONHO (com voz normal)

– R-i-i-i-i-t-a-a-a ! ...

– Cadê minha muchiiiiilaaa ?

Dito aquilo SEU TONHO caminha para lá e para cá, pelo palco, demonstrando estar impaciente, ansioso para sair, após o que torna a insistir com a esposa

SEU TONHO (com voz impaciente)

– ANDA L-O-O-O-O-G-O-O, mulééééé !

RITA FERRO entra na sala. Vestido simples, sem avental, ela caminha desajeitadamente, arrastando pesados tamancos de madeira nos pés. RITA traz na mão a mochila solicitada pelo marido. Expressão de resignação estampada na face, RITA coloca o material solicitado (uma mochila e mais alguns implementos de pesca artesanal) sobre a mesa da sala, dizendo para o marido

RITA FERRO (em tom de queixume e de resignação)

– T-A-A-A-Q-U-I-I-I-I, homi de Deeeeeus ...

Em seguida, completando sua fala, RITA também diz para o marido

RITA FERRO

– Mais nun fala alto, qui é prá num incomodá os viziinhoooo.

Após ligeira pausa, RITA FERRO continua falando

RITA FERRO

– Inda mais cum essa fofuquêra da Jurema morando tão peeeertoooo.

Indiferente ao que estava dizendo a esposa, SEU TONHO apanha a mochila e o material de pesca, que foi colocada por RITA sobre a mesa e, sem nem ao menos esboçar o menor gesto de carinho, diz-lhe, simplesmente

SEU TONHO

- Inté ameãn! ...
- Vou passá a noite na pescaria.
- Só vorto lá pru meio-dia.

Dito aquilo, SEU TONHO dá meia-volta e sai, rapidamente, pela porta da rua (situada do lado esquerdo do palco), desaparecendo de cena.

RITA FERRO fica sozinha na casa. Mulher submissa, ela dá um giro pela sala, ajeitando a toalha da mesa, removendo com a palma da mão uma suposta sujeita imaginária, que é simplesmente atirada ao solo, e também arrumando as cadeiras mais para perto da mesa.

Feito isso, voltando-se para o público, fazendo um beijo, balançando a cabeça, ela comenta, resignada

RITA FERRO (tom de voz de pessoa resignada)

- Esse meu mariiiiiidooooo ...
- Sempre nas suas benditas pescarias.

Arrastando os tamancos, RITA se dirige para a porta que dá acesso ao interior da casa. Com a mão direita, RITA aciona o comutador de luz, que está localizado na parede, desligando-a. Em seguida, RITA desaparece pela porta que dá acesso ao interior da casa (lado direito do palco), de onde havia saído.

A luz do teto permanece apagada, indicando o final daquela
cena.

As cortinas do palco são fechadas, rapidamente.